

Chegou o primeiro e-reader do Brasil

Wilson Gotardello Filho

Conheça quem são os empresários por trás do Mix Leitor-D, criado para levar os livros digitais para as salas de aula do Brasil



Foi nos bancos da faculdade de ciência da computação, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que os amigos Murilo Marinho, 33 anos, Sandrelly Coutinho, 34 anos, e Leonardo Andrade, 32 anos, começaram a planejar a empresa que quer mudar a maneira como os brasileiros se relacionam com os livros. Em 2004, após quatro anos atuando no Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico (IPAD), em Recife, e com investimentos de R\$ 65 mil, o trio iniciou as atividades da Mix Tecnologia, especializada em softwares de gestão. Mas foi em 2008 que a grande transformação na empresa começou a ser delineada. Durante a organização da Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (Fliporto), o coordenador do evento, Antônio Campos, presidente da produtora cultural e editora Carpe Diem, indagou dos sócios, então responsáveis pela infraestrutura de TI da Festa, sobre a viabilidade de desenvolver um leitor digital genuinamente brasileiro. Durante 15 dias, Coutinho, que ficara responsável por avaliar a proposta, pesquisou as poucas opções disponíveis no mercado e, na sequência, deu o veredicto: começariam a desenvolver o primeiro e-reader nacional a partir daquele momento.

Enquanto Andrade tocou o dia a dia da empresa - que faturou R\$ 1 milhão em 2008 e R\$ 2,5 milhões no ano passado -, Marinho e Coutinho se dedicaram a tirar do papel o projeto do leitor com tecnologia e design nacional. Campos, da Carpe Diem - que é advogado, autor de oito livros e membro da Academia Pernambucana de Letras -, entrou como parceiro oficial do negócio, que consumiu cerca de R\$ 1 milhão em recursos próprios, metade financiada pela produtora cultural e a outra metade pela Mix Tecnologia. "Enquanto estudávamos os leitores que já estavam no mercado, percebemos que precisávamos trazer algo a mais. Como o país é o maior consumidor de livros didáticos do mundo, decidimos que esse diferencial precisava ser educacional", diz Marinho. Em 2008, foram vendidos 73,5 milhões de unidades para estudo, de acordo com dados da Câmara Brasileira do Livro, principalmente em função das compras do governo. Do total investido, 50% foram destinados às despesas com analistas de sistemas e engenheiros de softwares e de testes, 15% com infraestrutura e o restante com consultoria de hardware, desenvolvimento de software para microprocessadores, protótipo e auxílio jurídico e de patentes. Todo o processo contou com um time de 20 pessoas.



Murilo Marinho (à esq.) e Sandrelly Coutinho posam no circuito da poesia, em Recife: após investimentos de R\$ 1 milhão, objetivo é levar obras, como a do poeta Ascenso Ferreira (estátua), para o leitor digital brasileiro

Desenvolvido com a tecnologia e-Ink, a mesma utilizada pelo Kindle - lançado pela Amazon, de Jeff Bezos, em 2007 -, o Mix Leitor-D será produzido inicialmente na cidade de Shenzhen, na China. Os empreendedores não revelaram qual empresa vai produzir o dispositivo por motivos estratégicos, mas disseram que será feito pela mesma fabricante do iPhone, da Apple. A chinesa Foxconn Electronics é a fabricante dos produtos da empresa de Steve Jobs em Shenzhen. A tecnologia do papel eletrônico e-Ink dá autonomia de bateria de até oito mil trocas de página, o equivalente a oito dias, o que torna o produto ideal para a utilização em salas de aula. "Nós já conversamos com colégios particulares, com o Ministério da Educação e secretarias de diversos estados e prefeituras. A receptividade tem sido muito boa", diz Marinho. Outro ponto a favor do Leitor-D é a tecnologia Interquizz, desenvolvida e patenteada pela empresa, que possibilita a aplicação de avaliações diretamente no aparelho, com questões de múltipla escolha ou discursivas.

O preço inicial do leitor, que chega ao mercado em junho, deve ficar entre R\$ 850 e R\$ 1.100. Já há vários interessados em adotá-lo, como o Colégio Bandeirantes, de São Paulo. A fabricação será feita na China, pela mesma empresa que produz os eletrônicos da Apple Alexandre Cury, responsável pela área de tecnologia de informação do Colégio Bandeirantes, de São Paulo (segundo colocado no Enem na cidade de São Paulo e 12º no Brasil), é um dos interessados em adotar o Leitor-D nas salas de aula. Com 2.800 alunos, o primeiro teste no Bandeirantes deve ser realizado no último bimestre deste ano, com a aplicação de uma avaliação para 50 estudantes. "Se a iniciativa for aprovada, já começamos 2011 com algumas turmas utilizando apenas os leitores e pretendemos ampliar para todos os alunos até o final do próximo ano", afirma Cury. Segundo ele, o custo médio de papel e impressão para aplicação de provas é de R\$ 300 mil ao ano para o colégio. "É uma despesa que eu deixo de ter de imediato", diz. O preço do e-reader deve ser incluído na taxa de material didático cobrada no início do ano de todos os alunos, que hoje pagam uma mensalidade de R\$ 1.800 no ensino fundamental e R\$ 1.900 no médio.

A ideia inicial, segundo Marinho, era desenvolver e produzir os leitores no Brasil, o que não foi possível devido à inadequação da indústria nacional. Com a importação do leitor da China, o preço, que ainda não foi definido, deve ficar entre R\$ 850 e R\$ 1.100. Mas o objetivo de iniciar a produção local não foi descartado. Segundo o empresário, uma parceria com a brasileira Unicoba, que trabalha com acessórios de informática, já foi fechada e, em aproximadamente um ano e meio, a fábrica da empresa na Zona Franca de Manaus deve iniciar a produção dos leitores. Nesse primeiro momento, para driblar os altos impostos de importação que incidem sobre produtos eletrônicos, os empresários estão pleiteando junto ao governo federal isenção tributária semelhante à dos livros. "O ideal é conseguirmos vender o leitor por R\$ 450", diz Campos. Independentemente dessa negociação, os cinco mil primeiros Mix leitor-D chegam ao Brasil em junho e, inicialmente, serão vendidos para projetos especiais ou pelo site da empresa.



Coutinho (à esq.) e Marinho: expectativa de vender 80 mil unidades do leitor no primeiro ano

A expectativa dos criadores do Mix Leitor-D é vender 30 mil unidades neste ano, o que representaria um faturamento de cerca de R\$ 30 milhões e seria somado aos R\$ 3 milhões projetados com o desenvolvimento de softwares. "Nossa meta é vender 80 mil leitores no primeiro ano (até junho de 2011)", diz Coutinho. Depois, eles esperam alcançar um ritmo de 150 mil equipamentos vendidos anualmente. Apesar de o Kindle estar disponível para os brasileiros desde o ano passado, o mercado de leitores digitais no Brasil ainda é incipiente,

pois a maior parte dos livros comercializados na Amazon é em inglês. Mas esse cenário começa a mudar. A Gato Sabido, primeira loja virtual de livros digitais do país, é o maior exemplo disso (leia a respeito na próxima página). Grandes redes de livrarias, como Cultura, Saraiva e Fnac, também já anunciaram que entrarão na disputa. A chegada do iPad, dispositivo para leitura digital da Apple, também representa um componente rumo à popularização do conceito de livros virtuais no país. "O mercado precisa de uma plataforma de sustentação, que inclua livros, jornais e revistas disponíveis em formatos que sejam compatíveis com os leitores. Por enquanto, toda a cadeia editorial está esperando para ver como isso vai acontecer. Por isso, o mercado ainda não deslanchou", avalia Coutinho.

Para o consultor Jack London, empreendedor pioneiro da internet e fundador do que atualmente é o site de compras Submarino, as chances de o negócio dar certo são grandes, mas esbarram na incipiência do mercado editorial. "O maior problema é a compreensão das editoras brasileiras em relação ao livro eletrônico. Elas têm se mostrado muito reticentes", diz. London considera acertada a decisão dos empresários de priorizar o mercado de livros didáticos, pois as compras do governo podem vir a representar um grande diferencial. "A substituição dos livros didáticos de papel por eletrônicos é um grande negócio", afirma London.

Uma recente experiência internacional confirma essa tese. No ano passado, como parte de um plano para reduzir o déficit fiscal de US\$ 24 bilhões, o governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, anunciou que eliminaria os livros de papel até o final do ano passado. "Isso já é realidade na Califórnia e vai acontecer em outros lugares. O livro eletrônico é uma tendência crescente em todo o mundo", diz Campos, da Carpe Diem. Além dos grandes projetos com colégios, universidades e governos, a Mix e a Carpe Diem querem também chegar ao varejo. E, para enfrentar esse desafio, buscam parceria com uma das grandes empresas do setor. Tudo isso para minimizar riscos de atuar em um segmento de mercado ainda indefinido.

Fonte: Pequenas Empresas & Grandes Negócios, maio 2010. Disponível em: <http://revistapegn.globo.com>. Acesso em: 1 jun. 2010.